

COLETIVO CANCROCÍTRICO

EDIÇÃO ESPECIAL

Nº 18

Circulação restrita aos fanzineiros

INVERNO DE 1993 ANO VI
II FANZI-ENCONTRO



ALGUMAS IDÉIAS TIRADAS

Uma publicação trimestral que divulgasse os fanzines lançados nestes 3 meses divulgando seu endereço caso alguém se interesse por ele. Esta poderia ser feita em sistemas de rodízio por alguns grupos para não sobrecarregar um grupo só.

Promover esclarecimento a todos fanzineiros sobre os problemas de divulgação dos zines pela imprensa oficial e publicações da imprensa oficial que tentam parecer fanzines ou amigos dos alternativos.

Cooperativas de fanzineiros de determinadas cidades com o objetivo do aumento do montante de cópias para negociar menor preço das xerox.

Reuniões mensais, bimestrais, trimestrais ou em outros períodos dependendo da disponibilidade e necessidade de grupos de fanzineiros de uma cidade que una os vários estilos existentes para discutir a questão fanzine e outros assuntos.

EXPEDIENTE

COLETIVO CANCROCÍTRICO

RESPONSÁVEIS: Cientista, Marcelo Padrego, Ricardo Punk, Cachorrão e Fabinho

MONTAGEM: Jair Godoy

COMPOSIÇÃO: DIGILASER - Londrina

REVISÃO: Cynthia e Carolina

CORRESPONDÊNCIA:

"É necessário contribuir com selos".

Caixa Postal: 1992 - Londrina - PR CEP 86001-970.

EDITORIAL

Este II Fanzi-Encontro não correspondeu às expectativas da organização. Tínhamos o objetivo de criar uma associação (formal ou não) de fanzineiros. Uma corrente de auto-ajuda entre todos (boa parte) dos fanzineiros. Devido à crise financeira, que cada vez aumenta, a mesma afetou o fanzine e os fanzineiros como indivíduos, essa é uma das causas das poucas presenças neste encontro, em relação às esperadas pela organização, um número de fanzineiros que pudesse representar todos fanzines, em todos seus estilos.

Outros fatores que muito influenciaram foram uma tendência individualista que paira sobre o fanzine; a falta do espírito aventureiro de alguns fanzineiros; a falta de credibilidade e não compreensão da importância de encontros como este. Vários fatores econômicos, sociais e psicológicos que denunciaram uma falta de esforço e de credibilidade no movimento do qual se faz parte.

Um modelo de administração de uma sociedade mais justa não deve ser criado a partir da teoria, uma sociedade só surge aliando teoria e prática, através da organização de corporações de indivíduos ou grupos com afinidades. Se não conseguirmos nos organizar sendo um grupo relativamente pequeno com objetivos semelhantes então não podemos pensar numa sociedade, em escala mundial, mais justa e ideal.

A partir da situação apresentada no primeiro dia do II Fanzi-Encontro, que contrapunha o que foi previsto, a organização mudou sua programação totalmente. Devido ao número de presentes não ser representativo limitamo-nos aos debates, à formulação de idéias e propostas, assim não deliberamos nada.

Mas o encontro não se pode limitar às presenças físicas, houve várias pessoas que participaram mesmo não estando presentes fisicamente e pessoas que não participaram mesmo estando presentes. Várias pessoas contribuíram com incentivo, livros, idéias, propostas, divulgação, material e de várias outras formas. Sendo assim a organização ao avaliar o encontro considerou que não devia limitá-lo às reuniões dos dias 10, 11 e 12 de outubro de 1992, devíamos unir, de forma abstrata, todas as contribuições deste II Fanzi-Encontro.

AGRADECIMENTOS: As bandas que tocaram na Festa do II Fanzi-Encontro: REPULSIVE e DZK de São Paulo e HARD MONEY e GALAXI TRIO de Londrina. E a todos fanzineiros que participaram deste encontro. E aos que adquiriram camisetas do encontro.

O FANZINE É REVOLUCIONÁRIO?

Em matéria do jornal Folha de Londrina sobre o Il Fanzí-Encontro (07/10/92), uma declaração minha foi questionada pelo repórter Nelson Sato. Segue o trecho: Apesar de diversidade, Cientista vê uma característica comum entre os zines: atuar como "imprensa pirata". "Esse é o objetivo, piratear a imprensa oficial, criticando a impossibilidade de sua visão de realidade". O repórter classificou esta colocação minha como "maniqueísmo". A idéia central desta declaração está fundamentada no editorial do C.C. de nº 17.

A questão é: o fanzine tem ou não caráter revolucionário? Existe uma posição antagônica entre o fanzine e a imprensa oficial?

A necessidade fanzine surge do questionamento sobre porque a publicação oficial lhe é, de certa forma, imposta. Os assuntos vinculados nestas publicações oficiais e a forma que são feitos, tendo o objetivo de chegar a uma "possível verdade" ou simplesmente distorce os fatos para chamar a atenção dos leitores, tudo com o objetivo final de atingir determinados grupos de compradores em potencial desta publicação, o objetivo final das publicações oficiais é o lucro, as matérias e seus leitores são para eles apenas uma via de acesso ao lucro. Já o fanzine não compactua com essa hipocrisia. Ele surge como necessidade de se expressar. É, devido a isto, uma anti-imprensa oficial, que surge como alternativa de publicação. É revolucionário, pois é uma fuga das "imposições massificadoras" da imprensa oficial, ou melhor, da cultura e da educação "normal"/atual. A criação do fanzine se dá a partir de "suas" percepções, sua visão do mundo, contendo somente o que é importante para quem publica. E a baixa qualidade de alguns fanzines, alguns chegam a ganhar em qualidade - apesar da falta de recursos - da imprensa oficial, é compensada com muita sinceridade e muito sentimento.

Trocar o fanzine por um espaço na imprensa oficial, é complicado, pois este ex-fanzineiro poderá até certo tempo manter, dependendo de seus objetivos e sua personalidade, um pouco de suas características anteriores, mas com o tempo elas "tendem" a dissipar-se, devido à rotina e à influência, e a fazer parte da filosofia da imprensa oficial. Esta troca de fanzine por um espaço na imprensa oficial só pode ser efetivada no caso de fanzine/fanzineiros com assuntos mais amenos, com o menor questionamento ou com este bem oculto, como os estilos de Poesia, Música e História em Quadrinhos, pois em casos de fanzines basicamente críticos, como é o caso do C.C., esta troca significaria moderações desde o início, com total descaracterização do trabalho anterior.

Esta exposição não se baseia numa pobreza de idéias como "O fanzine é bom e a imprensa oficial é má". Existem fanzines péssimos, descaracterizados como espaço alternativo, sendo cópias muito mal feitas e pobres da imprensa oficial, que não merecem a denominação fanzine. E há "algumas" pessoas que

participam da imprensa oficial que produzem ótimos trabalhos e não se deixam fazer restrições e dão continuidade a este trabalho, sempre mantendo esta linha. O que tentei deixar claro é porque surge o fanzine, qual as razões de sua longa existência, sua aceitação e o grande crescimento da circulação de fanzines por todo mundo.

CIENTISTA

O QUE SE PODE FAZER COM 23 LETRAS?

Nada. Ou tudo.

Depende de quem as tem nas mãos e da maior ou menor habilidade em usá-las.

Alguns mal conseguem soletrar a, be, ce... Isso quando não estão absolutamente ausentes, e, nem chegam a entender o significado de cada um desses símbolos. Misteriosos demais para a pequenez do seu mundo. Não é hora nem local para nos ocuparmos deles, estão à margem de todo e qualquer conhecimento. Outros avançaram um pouco. São capazes de combinar as letras, ainda que bem primariamente, ainda que a duras penas, e conseguem criar alguma forma de expressão, mas não vão além.

Não chegam a perceber que têm nas mãos um tesouro capaz, se bem trabalhado, de produzir obras que poderiam atravessar séculos. Mas há os que olham para as pequenas 23 letras, com os olhos iluminados do lavrador que percebe no punhado de sementes que tem à sua frente a centelha da vida.

Simplesmente jogados uns aos lado dos outros, vistos com indiferença, os pequenos 23 sinais, como as sementes, jamais poderão germinar. Mas se caírem em terra boa, se receberem o estímulo da luz e o contato da água, acabarão por se transformar em árvores majestosas à sombra das quais tantos virão buscar refúgio.

Com 23 letras, apenas 23 letras, Shakespeare escreveu suas peças, Vinícius seus poemas, Eça seus romances, Vieira seus sermões.

Fernando Pessoa nem precisou das 23 para nos deixar este verso, talvez o mais belo já escrito em língua portuguesa: AH! TODO O CAIS É UMA SAUDADE DE PEDRA.

Nem Garcia Lorca para dizer quase num sussurro: A NOITE TORNOU-SE ÍNTIMA COMO UMA PEQUENA PRAÇA.

Quanta coisa se faz e se pode fazer com 23 letras. Derrubam-se tiranos. Propagam-se idéias. Elevam-se e destroem-se crenças. Exaltam-se feitos heróicos. Mudam-se os caminhos do mundo. Ou simplesmente se enaltecem mulheres amadas.

Apenas 23 letras, 23 sementes, tudo o que alguém precisa para escrever.

Basta encontrarem o solo fértil da decisão, a água da perseverança e a luz do entusiasmo.

Rubens Caruso
(Extraído do Boletim IOB)

Ao II Fanzi-encontro de Londrina

Saudações, Fanzineiros.

É com imenso prazer que saúdo esse encontro de uma das mais importantes formas de comunicação e expressão da juventude em nossos tempos, os fanzines.

Foi amor a primeira vista. Descobri meu primeiro zine, O Factor Zero, em 1981, na Punk Rock discos. Aí foi só uma questão de tempo. Assim que apareceram outros zines, comecei a escrever para os caras. Em 1984 comecei a aprender a datilografar, desenhar e de certa forma até escrever fazendo fanzines. Nesse mesmo ano lancei dois números do "Anti-Sistema" e mais dois em 85. Junto com um pessoal bem louco, lançamos o "Aborto Imediato para o renascer de um novo espermatozoide", que lança três números em 86. Durante anos colaborei em zines de SP, RJ, BA, MG, CE e também no exterior, aprendendo assim um pouco de inglês.

Mesmo quando me afastei do movimento continuei a receber alguns zines. Sempre os guardei porque pensava assim: "um dia isso ainda vai ter muito valor, é só esperar". Juntei uma porrada, pensei em me desfazer várias vezes, assim como me desfiz de discos, fitas e botons, mais aí vinha aquela vozinha lá do fundo da memória: "é só esperar". Guardei os zines numa caixa, troquei de vez o coturno pelo tênis e entrei na universidade. Lá conheci alguns professores que pesquisaram o movimento punk, conversei com eles algumas vezes e aí pintou a idéia: pegar tudo o que juntei durante quase 10 anos e fazer um arquivo, então... antes uma outra coisa.

Fanzine muito mais que um panfleto de fã-clubes

O fanzine é um importante meio de expressão, comunicação e socialização entre os seus adeptos. Falam de vida, música, discos, sexo, drogas, enfim, de tudo o que o fanzineiro estiver a fim de falar e retratam também o cotidiano dos que fazem e dos que lêem o fanzine. Apesar de velho, é uma forma nova e própria de expressão da linguagem. Hoje, pesquisando os zines punks, redescobri uma história, a minha história e de toda uma geração de caras que durante mais de 10 anos estão escrevendo e trocando os zines que são o registro desses mesmos caras.

Preservar a memória para que a história nos garanta um futuro

Fanzineiros, durante anos guardei zines do movimento punk e agora tento resgatar tanto quanto for

possível. Os zines são documentos muito importantes que retratam as questões do nosso momento, as visões de mundo e propostas dos que produzem os zines, além do nosso cotidiano. Como nossa sociedade tem cada vez mais dificuldades para manter, preservar e resgatar a memória, que entendo como um conceito muito mais amplo do que só passado e arquivo, temos nós mesmos que buscar condições para preservá-la. É por isso que entendo a importância do arquivo, como uma pequena parte da memória que precisamos preservar para possibilitarmos aos pesquisadores e historiadores acessos à nossa memória. Assim a memória vira História, que é um saber com procedimentos próprios, apesar de que historiador não é só o cara que estuda História na Universidade, mas o que trabalha com pesquisa histórica, seja ligada a academia ou não. Quando a História resgata a memória ela garante um lugar no futuro para essa memória, pois o presente não existe. Quando pensamos nele ele já passou e, novamente, e, outra vez. Assim, a memória nos remete sempre ao futuro, pois o presente é a repetição mecânica e rotineira da ação sem reflexão, que não tem história por não ser reflexiva, sem repetição. O presente que é o espaço da realidade nua e crua, onde tem muito espaço para a UTOPIA.

Minha proposta é que os fanzineiros discutam a possibilidade, se é que concordam com a necessidade, de associarem-se para iniciar um trabalho que resulte num arquivo. É bastante trabalhoso, mas permitirá o acesso dos interessados a um universo de comunicação e expressão completamente novo. Para isso, entrem em contato com as bibliotecas e universidades e cobrem apoio técnico. Nós estamos recebendo apoio do CEDIC da PUC/SP. Quanto aos gastos, por enquanto quem bancou foi o Centro de Cultura Social, entidade apartidária, mantida com contribuições e doações dos seus sócios e simpatizantes. É um espaço público e livre, que proporciona debates sobre os mais variados temas. Tomem cuidado para que essas instituições não se apropriem do material.

Paro por aqui, espero que possa ter contribuído para que num futuro mais próximo outros encontros se realizem e onde um dos temas seja a memória dos fanzineiros.

Antonio Carlos de Oliveira
Da Comissão de Biblioteca e Arquivo,
do Centro de Cultura Social.
Caixa Postal 56110
CEP 03999-970 - São Paulo - SP

E TOME ZINE

Fazer fanzine é algo mais do que colar figurinhas numa folha de papel e tirar xerox. Fazer fanzine é como se imprimir no papel, dar o mais completo, íntegro e total dos discursos, como se expressar da maneira mais sincera e forte possível... e sem deixar dúvidas. O fanzine não é um jornalzinho que você faz; o fanzine é você!

O seu fanzine é o seu reflexo, são seus sonhos impressos, é o seu Eu mais profundo e cru. O seu fanzine é como se seu coração tivesse asas e voasse de mão em mão. Por isso o fanzine tem um valor muito acima do que quem está de fora do mundo fanzineiro pode conceber. Um fanzine é pura emoção... Ver alguém dando valor a ele é a coisa mais gostosa, gratificante e incrível que pode acontecer.

Por isso que dói quando a gente dá o fanzine pra alguém e essa pessoa amassa e joga fora... ou dobra, dobra, dobra e enfia no bolso... ou nem lê e te chama de idiota dizendo que fazer fanzine não dá dinheiro... É o tipo de coisa que só mesmo quem faz fanzine pode entender. Nessa sociedade tão fria e mercantilista, expressar sonhos não tem o mínimo valor, desinteressa as pessoas, te transforma numa pessoa deslocada da realidade que te cerca.

Ainda assim tem muita gente que está no meio fanzineiro (em termos) e consegue fazer você se frustrar, ficar injuriado, perguntar que porra está acontecendo... Se fosse só ver palavras vazias, colagens de revistas de grandes editoras, textos confusos e sem sentimentos ainda passava, pois vai ver que o cara está confundindo ou desconhece o que seja fazer fanzine (e ninguém nasce sabendo das coisas)... Mas eu já cheguei a ver RACISMO propagandeado em fanzines (os tais "skinzines"), já cheguei a ver fanzines feitos por gangs onde pessoas se vangloriavam de ter matado este ou aquele e ameaças eram feitas... já cheguei, nesta eleição, a ver fanzines fazendo propaganda de políticos! Será que esse é o mesmo mundo fanzineiro de que eu faço parte? Nem fodendo... eu me recuso!

O que se pode fazer, cortar as mãos dessas pessoas pra que não estraguem nosso movimento! Não podemos fazer isso (não temos esse direito, pois eles, apesar de tudo, têm liberdade de expressão)... O que podemos fazer é estarmos juntos, saber diferenciar quem está ou não no mesmo barco que a gente, quem faz fanzine pelo mesmo motivo que a gente faz...

Podemos intensificar a correspondência entre fanzineiros, divulgar endereços de fanzines e... definitivamente... SE UNIR. Precisamos voltar a ser realmente um movimento fanzineiro, realizar discussões, se empenhar em lutas comuns. Podemos realizar encontros regionais e, de vez em quando, traçar campanhas coletivas... não é tão difícil assim, ou tão caro quanto um encontro territorial ou inter-continental. Um exemplo disso é a campanha espontânea dos fanzines pelo VOTO NULO, a defesa também coletiva das questões ecológicas, do anti-racismo e etc.

Fazer fanzine pra mim já não é mais uma questão ideológica, mas sim uma questão pessoal. Fazer fanzine pra mim é tão vital quanto respirar, beber água ou comer. Sem fanzine eu definho, adoço e morro. O fanzine é meu cano de escape, meu orgasmo xeroalquimista, para onde eu conduzo toda energia acumulada dentro de meu ser. Eu sei que pra muita gente é isso também e que, apesar do isolamento dessas pessoas, não estou sozinho... Mas você já ouviu aquele velho provérbio de que a união faz a força? Por que então temos que estar tão distantes? Por que só vemos as caras de quem está do outro lado das cartas nos encontros fanzineiros? Por que não podemos nos aproximar mais, realmente conviver, solidificar nossas amizades, sonhar juntos... Não precisamos ficar esperando encontros pra fazer isso... Porra, até regionalmente muita gente se desconhece e só vem a se conhecer em outro estado, num encontro ou reunião!

Além dessas coisas que eu queria dizer, nesse fanzi-encontro eu tenho uma proposta básica para a divulgação e articulação do movimento. Proponho que tiremos algum núcleo responsável por fazer um fanzine sobre os fanzines; algo como um catálogo contendo endereços de fanzines válidos para o ano em questão. Eu sei que isso já foi feito várias e várias vezes, mas precisamos de pessoas que se comprometam a organizar esse zine anualmente.

Por exemplo, eu tenho um fanzine e se eu desejo estar nesse catálogo, no segundo semestre de cada ano o envio (junto com uma taxa de correspondência para receber o catálogo) pra esse grupo responsável com endereço de contatos confirmado para o ano seguinte; ou seja, no segundo semestre de 1993 será organizado o catálogo de 1994 e assim por diante. E manter esse trabalho funcionando não deve ser responsabilidade só desse grupo que fará o catálogo, mas de todo movimento em si.

Outra coisa é a questão dos fanzi-encontros. Será que o III Fanzi-Encontro vai ficar de novo nas costas do pessoal de Londrina? Será que não existem mais fanzineiros interessados em se empenhar para manter o movimento? Precisamos de mais iniciativa, de mais união local e regional entre os fanzineiros para podermos estruturar não só essas atividades básicas (que são as que dizem respeito a nossa própria luta comum), mas também atividades culturais, campanhas, etc.

Precisamos de mais empenho e seriedade no que diz respeito a nossos próprios objetivos coletivos. Precisamos de mais entrosamento e amizade entre os fanzineiros. Companherismo, essa é a palavra! Podemos fazer a coisa caminhar, se quisermos. Podemos socar fanzines nas fuças dos censores sociais, moralistas e retrógrados. O fanzine não é apenas um condutor de boas novas... é a pura voz da revolução.

Nenê Altro - SP.